

TRÊS POEMAS SOBRE O GAZEL

*Moacir Amâncio**
Para Odile Cisneros

Resumo: A figura do efebo (o gazel) é aqui apresentada na tradução de três poemas de dois autores judeus medievais da Espanha: Shemuel haNaguid e Iehudá haLevi. São vistos como textos que enriquecem a obra dos respectivos poetas, na perspectiva rigorosamente literária.

Palavras-chave: Efebo, haNaguid, haLevi, poesia hebraica medieval, tradução.

Abstract: The ephebe in poems from Samuel Hanaguid and Judah Halevi cannot be ignored in its historical and religious implications. Anyway, the poetic expression must be taken as leading criterion every time we are talking about translation and literary conventions.

Key words: Ephebe, Hanaguid, Halevi, Hebrew medieval poetry, Translation

Gazel ou tsvi. As duas palavras, a primeira em árabe, a segunda em hebraico, têm o mesmo significado e podem ser traduzidas para corço ou simplesmente veado. É como os efecos que serviam à mesa eram chamados pelos poetas árabes e judeus da Andaluzia medieval, notável pela mescla de culturas. Foi sob a influência árabe que a poesia hebraica, à época, deixou a exclusividade da sinagoga, adotando o laicismo e até mesmo certa licenciosidade erótica. A figura do *tsvi*, e da *tsviá*, a gazela, aparecem em poemas escritos por autores que além de virtuosos da língua também podiam ser grandes exegetas bíblicos, filósofos e guerreiros. Eram, portanto, rabinos, poetas, soldados, políticos e poeticamente hedonistas cantando o vinho, a flora, a amizade e o amor. A produção cultural intensa entre os séculos 10 e 12 justifica a denominação de ciclo de ouro para esse período.

* Professor Doutor de Língua e Literatura Hebraica da Universidade de São Paulo

Os três poemas aqui apresentados, sobre o tema do efebo, foram escritos pelo guerreiro e político Shemuel haNaguid (993-1056) e por Iehudá haLevi (cerca de 1075-1141), que se ocupou da medicina, da filosofia e da poesia e empreendeu a longa viagem de volta a Sion, tendo sua morte duas versões. A lendária: teria sucumbido sob as patas de um cavalo diante das muralhas de Jerusalém. A outra: morreu no Egito.

Nos poemas de Shemuel haNaguid temos dois instantes do *tsvi* (sinônimo, *ôfer*), em textos breves e muito ágeis, que surpreendem pela riqueza das imagens e pela força de sugestão obtida em espaço tão restrito. Já o texto de Iehudá haLevi é um *shir ezor* ou *muashahá*, um poema construído com um colar de rimas e encerrado por versos fixos, de uso comum, normalmente escritos em árabe e romance. Os dois autores enaltecem a figura do *tsvi* e, à parte discussões sobre seus objetivos, deve-se notar que esses poemas se impõem pelo que são, pela expressão poética, da qual procurei trazer algo para o português. Evidentemente, esses poemas encontram resistência e muitas vezes foram e são evitados, mas não há como negar a existência deles e hoje há vários estudos a respeito, seja no campo literário, seja no âmbito histórico e dos costumes¹. Ignorá-los é ignorar parte da obra desses gigantes da literatura hebraica e medieval. Claro, quando tomamos conhecimento de tais versos, compreendemos que dificilmente questões históricas e religiosas serão evitadas de início, no entanto, as implicações literárias logo se sobrepõem, pois não se pode esquecer o âmbito da convenção poética em que também se inscrevem (lembramos as canções de amigo), como Shirman percebeu em seu brilhante ensaio intitulado *The Ephebe in Medieval Hebrew Poetry*². Para o lado dos fatos, parece pender a evidência de que até hoje se utiliza em português o termo *veado* para designar, agora de modo chulo, destituído de qualquer nobreza, o efeminado ou alguém inclinado ao homoerotismo masculino. Como sugere Shirman no estudo citado, mesmo a arte pela arte deve ter no primórdio algo de base real. Usei o árabe, gazel, com sua sugestão de beleza inusitada (além da relação com gazela) e como uma maneira de evitar o desgaste da palavra portuguesa, tendo para isso consultado os professores de árabe Safa Jubran e Mamede Mustafa Jarouche.

1. Pesquisas trazem informações sobre hábitos de uma época em que era de bom-tom cultivar efebos. Havia haréns formados por eles. Tanto o judaísmo como o islamismo condenavam tal prática e a poesia resultante, mas houve também uma sacralização do gênero. Na poesia hebraica, o *tsvi* passaria a simbolizar Israel, ou rei Davi. Basta lembrarmos a interpretação alegórica do *Cântico dos Cânticos* para termos uma idéia de seqüência histórica. Ver a respeito: Juan Ruiz's Heterosexual "Good Love", em que Daniel Eisenberg sugere que a obra do título na verdade refere-se ao amor homossexual por um escritor cristão (disponível na Internet), e *The Gazelle*, de Raymond P. Scheindlin, sobre a simbologia religiosa.

2. Shirman, Jefim (ou Haim), *The Ephebe in Medieval Hebrew Poetry*, em *Sefarad – revista de estudos hebraicos, sefardies y de Oriente Próximo*, no. 15, 1955, p. 56-68

Na transposição, mantive o esquema de rimas e a forma dos hemistíquios, nos poemas de Shemuel haNaguid (Samuel o Príncipe, título outorgado a ele por ter sido ministro do governo árabe de Granada). No caso de Iehudá haLevi mantive a forma do *shir ezor* e adaptei o fecho para o português, utilizando-me de Shirman, guia fundamental nesta matéria. A busca foi de um tom próximo ao de uma canção. Tomei, claro, algumas licenças em relação aos originais, sempre tendo em conta que não existe uma única e “correta” tradução de um poema e sim várias, dependendo do tradutor e da época³. Não vou expor aqui todas essas licenças nos detalhes porque explicar um poema em sua construção significa entre outras coisas o risco de enfraquecê-lo, se não de negá-lo – e o desafio neste caso é chegar o mais perto possível de um poema no idioma de chegada, que só então terá efetivado seu encontro com o texto escrito no idioma de partida, ou motivo de inspiração. Acrescente-se, quando se coteja com outra versão, surge a oportunidade de aproveitar o resultado, ou deixá-lo para lá, etc. Por exemplo, Shemuel haNaguid configura a lua como a letra *iud*, um gancho suspenso no céu. T. Carmi, numa tradução inglesa, utilizou o C, que foi trazido para o texto aqui presente por ser uma solução óbvia pela sua visualidade. Já quanto a *barêket*, uma pedra preciosa, comumente entendida como esmeralda, preferi adaptar para “*topázio*”, pois uma das cores inequívocas da lua é, como se sabe, o amarelo.

Shirman observa que nos melhores momentos tais poemas podem ser incluídos na “longa lista de criações similares na literatura mundial, começando com os autores gregos do período clássico e de períodos posteriores (Anacreonte), até proeminentes representantes do Oriente (árabes, persas) e algumas destacadas figuras da poesia moderna”, como Shakespeare, e Walt Whitman⁴.

3. “Na verdade, o tradutor promove o encontro de dois polissistemas de signos, engajado na arte de transpor o sentido poético de um sistema a outro”, diz Fábio Lucas em *A Tradução da Poesia*, LB, – revista da literatura brasileira, no. 23, p. 23

4. Shirman, *idem*, p. 68

Shemuel haNaguid

Daria a vida por / Gazel que despertou
À melodia de harpa / E de flautas, gracioso,
E ao ver na minha mão / Um copo, disse assim:
“Beba em meus lábios sangue / De uvas especioso!”
E a lua como um C / Grafava-se por sobre
A veste toda treva / Em ouro precioso.

Daria a vida por / Tão pérfido gazel.
Amor por ele em meu / Peito ferroa agora.
Aquele que ao erguer / Da lua perguntou:
“Vês o esplendor de meu / Rosto e apareces? Ora...”
A presença da lua / Nessa noite escura –
O topázio que à mão / De uma negrita aflora.

Iehudá haLevi

Oh, oh gazel, oh senhor,
Olhos ponha em meu sofrer,
Que não cresça este penar.
Bem, bem faça à minha alma / Teus cuidados trazem calma.

Compadeça deste pobre
Que por ti jejua e sofre
Enquanto o maná não chove.
Teu, teu o teu bom maná / Por única paga, dá!

Se zombas de meu penar,
Veja a coita neste olhar.
Mas tua resposta: “Azar!”
Não, não, nada na rede / Só do que não tenho sede.”

Eu me culpo toda vez:
Se temes, seja cortês,
Volva meu sono e talvez
Voes, voes, caias como / Ave na rede em meu sonho.

Se peço um beijo a morrer,
Enrubesce, alvorecer –
Assim espande o seu ser:
Tal, tal o branco exangue / se transforma em vivo sangue.

Parte-me seu canto a alma,
Mas canta, porque me inflama,
Basta um beijo, a boca clama:
Já, já beija co'alegria / E esquece a melancolia.

Bibliografia:

- Shirman, Haim, *HaShirá haIvrit beSefarad uvProvence*, Mossad Bialik, Jerusalém, 1954, vol. 1
- Shirman, Jefim (ou Haim), The Ephebe in Medieval Hebrew Poetry, em *Sefarad – revista de estudos hebraicos, sefardies y de Oriente Próximo*, no. 15, p., Madri, 1955, 56-68
- Carmi, T., *Hebrew Verse*, Penguin, Nova York, 1982
- Scheindlin, Raymond P., *The Gazelle*, Oxford University Press, New York/Oxford, 1991
- Eisenberg, Daniel, Juan Ruiz's Heterosexual "Good Loves", em *Queer Iberia*, Duke University Press, 1999, p. 250-74
- Lucas, Fábio, *A Tradução de Poesia*, em *LB – revista da literatura brasileira*, n. 23, São Paulo, 2001, p. 22-27.